

Opus Dei, o poderoso “exército pessoal” do Papa

DERMI AZEVEDO
Da nossa equipe de reportagem

A Opus Dei, “Obra de Deus” ou simplesmente a “Obra”, representa hoje a força mais poderosa dentro da Igreja Católica. Prelazia pessoal, diretamente ligada ao Papa através da Congregação para os Bispos, a Opus Dei tem, hoje, 73 mil membros em 87 países, dos quais 3 mil estão no Brasil.

Seus adeptos ocupam funções-chaves em 479 universidades e escolas superiores, em 52 emissoras de rádio e tevê, em 12 empresas de produção e distribuição cinematográficas e em 38 agências informativas. Sigilosamente, os seguidores do monsenhor aragonês Josemaría Escrivá de Balaguer já influem decisivamente nos setores judiciário, universitário, informativo e bancário, além do eclesiástico.

O vaticanista italiano Giancarlo Zizola afirma que a Opus teve influência direta na substituição ou nomeação de 50 bispos brasileiros nos últimos dois anos e o teólogo José Comblin diz que estão nos quadros da “Obra” dez bispos na América Latina, entre os quais o poderoso Alfonso López Trujillo, cardeal e principal inimigo da Teologia da Libertação.

Contra os progressistas

O estado-maior da Opus Dei no Vaticano inclui, além de Trujillo, os cardeais Sebastião Baggio (que foi Núncio Apostólico no Brasil e chefiava, até 9 de abril passado, a Congregação para os Bispos), Palazzini e o africano Bernardin Gantin, substituto de Baggio na Congregação responsável pela escolha e substituição de bispos em todo o mundo.

Mas, sem dúvida, o grande protetor da “Obra” é o próprio João Paulo 2º, que a promoveu, em 1982, ao nível de “prelatura pessoal” — uma espécie de diocese mundial, sem território delimitado. Há quem afirme, por exemplo, que Karol Wojtyła já se entendia muito bem com a Opus quando ainda estava em Cracóvia e que o poderoso movimento contribuiu vigorosamente para sua eleição ao papado.

Pela preparação dos seus quadros (influentes nos setores mais importantes dos países em que atuam), a Obra teria sido escolhida para executar a grande ofensiva contra a Teologia da Libertação e os setores progressistas da Igreja, principalmente na América Latina. E esta campanha — traduzida, por exemplo, nos processos contra Boff e Gustavo Gutiérrez — já está dando resultados.

Exército disciplinado

De acordo com as publicações da Opus Dei, foi “por inspiração divina” que Escrivá de Balaguer (cujo processo de beatificação está numa etapa bem avançada) fundou o movimento, em 2 de outubro de 1928. “Por volta dos 15 anos de idade, teve pela primeira vez o pressentimento da chamada do Senhor para uma missão que o Servo de Deus ainda ignorava”, diz o cardeal Ugo Poletti, vigário geral de Roma, no decreto que introduziu, em 12 de maio de 1981, a causa da beatificação de Balaguer.

Ordenado padre em 1925, Escrivá (que tinha o título de Marquês de Peralta) fundou a seção feminina da Opus Dei em 1930 e, três anos depois, instituiu a Sociedade Sacerdotal da Santa Cruz para reunir os padres simpatizantes da “Obra” sem necessariamente pertencerem a ela. Já em Roma, ele conseguiu, em 1950, a aprovação definitiva da Santa Sé para a “Obra”.

Depois de viajar pelo mundo inteiro (esteve no Brasil em 1974 e depois visitou o Chile de Pinochet), Escrivá de Balaguer morreu em Roma, em 12 de maio de 1981. Está sepultado na cripta do oratório de Santa Maria da Paz, no Viale Bruno Buozzi, 75. Seu sucessor e atual prelado da Opus Dei, monsenhor Alvaro del Portillo, é consultor das congregações para as causas dos santos, da doutrina da fé e dos bispos, entre outros organismos da Cúria Romana.

“Obra” aberta a todos, diz porta-voz

“A Opus Dei não tem nenhum pensamento sobre a Teologia da Libertação, porque é um assunto que foge completamente de sua competência. É uma questão ligada ao Papa e às conferências episcopais que estudam o tema”. A afirmação é do porta-voz da “Obra”, Carlos Alberto di Franco, professor de Ética na Faculdade de Comunicação “Cáspere Libero”. Ele é o responsável pelos contatos da Opus junto aos meios de comunicação e organiza, anualmente, a viagem de caravanas de jornalistas e outros profissionais da área para cursos semestrais na Universidade espanhola de Navarra, pertencente à “Obra”.

Carlos Alberto diz que “a principal

Com Franco e Pinochet

“Consultarei sempre meu superior imediato ou supremo, segundo a gravidade do caso, a segurança e a eficácia do conselho que tenha que dar a respeito de todas as questões profissionais, sociais ou de outra espécie, embora não sejam objeto direto do ato de obediência.” Este é o artigo 9 do regulamento da Opus Dei, a mais influente e poderosa organização da Igreja Católica e, também, a mais controversa. É chamada, por vários autores, de a “Santa Máfia”, “Octopus Dei” ou de “os novos templários”.

O fato concreto é que a “Obra” tem especial apoio de João Paulo 2º. Registram os jornais de Roma que o então cardeal Wojtyła foi rezar no túmulo de Escrivá de Balaguer, pouco antes de entrar no consistório que o elegeu para o papado. Em 16 de janeiro passado, o Papa visitou a sede da Opus e elogiou o prelado, Alvaro del Portillo. Mais do que isso, já transformara, em decisão não consensual, a “Obra” em prelazia pessoal, uma imensa e independente diocese.

Seguidores

Apostolado à parte, a “Obra” dominou o último governo do generalíssimo Franco, cujo premier, o almirante Carrero Blanco (morto em atentado da ETA em 1973) era um de seus membros. Outros ministros neofranquistas — Gregório López Bravo, das Relações Exteriores, Laureano

Por ser uma prelazia pessoal, a Opus Dei não deve satisfações aos bispos das dioceses em que atua e responde por seu trabalho diretamente ao cardeal Gantin, da Congregação para os Bispos e a João Paulo 2º. Deste modo, o prelado Alvaro del Portillo (um dos primeiros adeptos da Obra, com Escrivá) pode comandar mais facilmente o seu disciplinado exército.

Com uma rígida hierarquia, a “Obra” segue também uma rigorosa disciplina nos seus centros de formação. Os adeptos podem pertencer a três níveis, cada qual com exigências específicas: os chamados **numerários** (30%) têm o maior poder, são celibatários e integram pequenos grupos de no máximo 12 dirigentes, obrigatoriamente com nível universitário e, em geral, graduados em Teologia; os **associados** (20%) também são celibatários, mas não precisam de títulos acadêmicos e os **supranumerários** (50%) participam do primeiro nível de filiação, podendo, inclusive, ser casados.

Os elementos de identidade ideológica da “Obra” são, basicamente, o estudo e o culto à personalidade de Escrivá de Balaguer, o controle da vida pública e particular dos filiados, além do cumprimento de uma pesada agenda de missas, comunhões diárias, confissões semanais e encontros “para direção espiritual” com os **numerários**.

Baseados nestes parâmetros, os membros da “Obra” procuram realizar os objetivos definidos pelo fundador no seu livro “Questões atuais do Cristianismo”: “O apostolado essencial do Opus Dei é o que cada sócio realiza individualmente no lugar em que trabalha, com sua família, entre seus amigos. Uma atividade que não chama a atenção, que não é fácil traduzir em estatísticas, mas que produz frutos de santidade em milhares de almas que vão seguindo a Cristo, silenciosamente e eficazmente, no meio da atividade profissional de todos os dias”.

A leitura dos textos da Opus e os relatos sobre o dia a dia nos centros indicam a “castidade” como outra preocupação central no modus vivendi da “Obra”. De acordo com Salvador Bernal, biógrafo de Escrivá de Balaguer, a Opus foi acusada, em 1941, na Espanha, de ser “um ramo judaico dos maçons” ou “uma seita

finalidade da Obra é dar formação espiritual e religiosa aos seus membros e para quem dela se aproxima.” Revela que a Opus congrega também não católicos e que promove cursos e outras atividades nos centros culturais de Sumaré, Liberdade e Pinheiros e no Centro Social Morro Velho, em Taboão da Serra.

“Não é secreta”

Di Franco nega que a Opus seja uma sociedade secreta. “O fato de que sou da Opus Dei é conhecido por todos na Cáspere Libero e não preciso andar com um letreiro na testa”, confessa, acrescentando que a “Obra”, como prelazia pessoal do Papa, “tem todos os seus documentos conhecidos e assinados. Faz um

López, do Planejamento — também eram associados. Na América Latina, são membros da “Opus” o ex-ditador argentino, general Juan Carlos Onganía, o ex-presidente venezuelano Rafael Caldera e os membros do movimento “Patria y Libertad” no governo Pinochet.

No Brasil, entre os simpatizantes da “Obra” estiveram os ex-governadores paulistas Roberto de Abreu Sodré e Lucas Nogueira Garcez, além de desembargadores, juizes, advogados, jornalistas e banqueiros. Na Igreja, colaboram com a “Obra” os arcebispos de Brasília, dom José Freire Falcão, e de Aparecida, dom Geraldo Penido, além do cardeal Agnello Rossi que vive em Roma.

Alguns nomes de padres da Opus Dei demonstram a influência que tem nos setores acadêmicos: Fernando Dias Duarte, formado pela Faculdade de Engenharia Mauá; Fernando Cintra de Oliveira, graduado na Escola de Comunicações da USP e teólogo por Navarra; Ricardo Pimentel Cintra, administrador de empresas pela USP; Rubens Takeiti Yukawa, engenheiro civil pela Politécnica; Benedito Primo Montenegro, engenheiro; Artur Cesário Rodrigues Motta, advogado; Paulo Roberto dos Santos, físico; Décio Piva, administrador; Rafael Stanziona de Moraes, professor da Poli; Joaquim Malvar, ex-professor da Escola Paulista de Medicina e Katushi Sassano, economista pela Universidade de São Paulo.

judaica em relação com os maçons”. O general Saliquet, presidente do “tribunal de repressão à maçonaria”, não aceitou a denúncia.

“Quando lhe explicaram — relata Bernal — que os sócios do Opus Dei eram cidadãos e cristãos comuns, que não se distinguiam em nada dos colegas, que eram gente íntegra, honrada e trabalhadora, de vida casta... perguntou: ‘Mas vivem a castidade?’. Disseram-lhe que sim e ele respondeu: ‘Então não há motivo para preocupações; se vivem a castidade, não são maçons, pois não conheço maçons que sejam castos’. E arquivou o expediente”.

As contradições da Opus Dei não existem apenas com a maçonaria. Os setores liberais e progressistas da Igreja Católica também contestam sua filosofia e métodos de trabalho, enquanto lamentam que a “Obra” tenha chegado a uma posição de tanta importância com João Paulo 2º. Estas críticas são muito fortes também no Brasil.

A “Obra” começou suas atividades no Brasil em 1957, segundo o Serviço de Documentação da Editora Vozes. O porta-voz da Opus, Carlos Alberto di Franco, diz que os trabalhos começaram em 1961, em São Paulo, com apoio do cardeal Motta. Em todo caso, neste período a expansão da “Obra” tem sido enorme: tem representantes em São Paulo (a sede nacional fica na rua Alfonso Bovero, Sumaré), Rio de Janeiro, Curitiba, Campinas, São José dos Campos e Brasília.

Em São Paulo, a Opus Dei tem centros no Pacaembu, Liberdade, Pinheiros e Sumaré e começa a se estender pela periferia (Jardim Miriam e Jardim Luso, na zona sul, entre outros). O quartel geral está no Sumaré (seções masculina e feminina) e a principal casa de campo para retiros de jovens e padres fica entre Barueri e Santana do Parnaíba, perto da Alfaville.

Figura nova na complexa estrutura da Igreja Católica (antes da “Opus”, somente os mendicantes, no século 13, haviam sido beneficiados com uma isenção especial por parte da Santa Sé), a “Obra” continua expandindo-se, no Brasil e no mundo, com apoio do Papa e de fortes setores da Cúria Romana. E continua a realizar seu projeto de neo-cristandade, de manutenção do status quo.

trabalho aberto para todas as classes sociais e as pessoas se aproximam.”

Nega que haja bispos brasileiros engajados na “Obra” (o vaticanista Giancarlo Zizola diz o contrário) e garante que “há um excelente relacionamento com os bispos em cujas dioceses a Opus atua”. Perguntado sobre a origem de tanto dinheiro para financiar centros, bolsas de estudos, publicações, responde que “vem da colaboração dos membros e de outras pessoas, inclusive não católicas”.

Depois de pedir para ler a reportagem antes de ser publicada, Di Franco nega que a Opus Dei tenha predileção pelas elites: “Na Obra há desde professores universitários até motoristas de táxi e operários. Qualquer pessoa pode aproximar-se”.



Balaguer, o fundador do movimento



João Paulo 2º (com Portillo) é antigo admirador da Obra

Renata Falzon



Em Pinheiros, um dos centros culturais da organização, que reúne 3 mil adeptos no Brasil

Militante não aguentou pressões do grupo

“Saí porque havia pressão demais”, confessa um jovem engenheiro de São Paulo que foi recrutado pela Opus Dei e participou do cotidiano de um dos “centros de formação”.

Pedindo para não ser identificado na reportagem, conta que, na Opus, o comando é dos padres, seguindo-se, na escala hierárquica, os **numerários**, solteiros na faixa de 40 a 45 anos e que também são conse-

lheiros dos jovens. Todos têm bons empregos.

O pensionato dos homens funciona atualmente na rua João Lourenço, Vila Nova Conceição, e o das mulheres, na rua dos Bombeiros, uma travessa da Brigadeiro. A sede nacional está na rua Alfonso Bovero, em um edifício de quatro andares.

Uma semana na Opus

As manhãs são livres, depois da

missa. Os chefes vão trabalhar. A tarde começa com a “hora da tertúlia” em que todos ficam sentados de 15 a 20 minutos ao redor do chefe. “Falamos sobre tudo, principalmente de futebol, menos de mulher”. Depois vem o estudo e, às sextas, meditação. Há filmes de vez em quando, vários deles sobre a vida do mons. Escrivá de Balaguer.

Continua na página seguinte

Aproveite esta nossa oferta exclusiva: Singer Zig Zag Exportação

jum



Continuação da página anterior

O engenheiro conta que a ascensão na hierarquia é feita por convite. E quem desejar "seguir o apostolado" pode morar no centro. Se a dedicação for em tempo integral, exige-se tanto dos homens quanto das mulheres o voto de castidade e o celibato (oficialmente, a Opus Dei afirma, em seus

textos, que não exige votos dos filiados).

"Muito artificial"

Os jovens também fazem meditação em silêncio e rezam o terço andando em círculos. Ouvem sempre conselhos para "manterem a castidade" e evitam a masturbação. E participam de cursos sobre temas

que vão da espiritualidade à "caça submarina", "computação" e "boas maneiras".

Há inúmeros casos de jovens que deixaram a família e se dedicaram exclusivamente à Opus Dei, como ocorre com a TFP e organizações congêneres. A maneira de vestir também é regulamentada: camisas de mangas compridas; sapatos; ba-

tinhas ou clergyman para os padres; cabelos curtos e proibição de calças compridas para as mulheres.

O lazer é garantido com fins de semana, tudo pago, no Rio de Janeiro, Curitiba ou na praia. "Queriam que eu continuasse. Disse que ia pensar. Mas nunca voltei ao centro. Achava tudo aquilo muito artificial e havia pressão demais".